

DIVERGENTE

VERONICA ROTH

Tradução de
Pedro Garcia Rosado

 Porto
Editora

Capítulo Um

Em minha casa temos um espelho. Está numa parede do patamar do andar de cima por detrás de um painel que desliza. A nossa façção deixa-me estar diante dele de três em três meses, no segundo dia do mês, que é quando a minha mãe me corta o cabelo.

Sento-me no banco e a minha mãe fica de pé atrás de mim com as tesouras, a dar ao dedo. Os cabelos vão caindo no chão, onde formam anéis de um louro pálido.

Quando acaba, a minha mãe afasta-me os cabelos do rosto e apanha-os num nó. Está muito calma e concentrada no que está a fazer. Tem praticado assiduamente a arte de se abstrair. Mas de mim já não posso dizer o mesmo.

Deito uma olhadela à minha aparência quando a minha mãe se distrai. Não por vaidade mas por curiosidade. Podem acontecer tantas coisas à aparência de uma pessoa em três meses. O que vejo no espelho é um rosto estreito, de olhos redondos grandes, nariz comprido e fino. Ainda pareço uma miúda, apesar de, há poucos meses, ter feito dezasseis anos. As outras façções festejam os aniversários, mas nós não. Seria um ato egoísta de autoindulgência.

– Pronto – diz a minha mãe, ao fixar-me o carrapito com um gancho. Os nossos olhares cruzam-se no espelho. É demasiado tarde para eu conseguir evitá-lo, mas, em vez de me repreender, a minha mãe sorri, a observar-nos. Eu franzo o sobrolho. Por que motivo não me dá um raspinete por eu estar a ver-me ao espelho?

- Chegou o dia, portanto – diz.
- Sim – respondo.
- Estás nervosa?

Volto a olhar para os meus próprios olhos por instantes. Hoje é o dia da aptidão, que revelará a qual das cinco fações pertenço. E amanhã, na Cerimónia da Escolha, vou decidir-me por uma delas. É uma decisão que envolve o resto da minha vida: vou ter de decidir se me mantenho com a minha família ou se a abandono.

- Não – respondo-lhe. – As provas não têm de alterar as nossas opções.
- Claro que não. – A minha mãe sorri. – Vamos tomar o pequeno-almoço.

- Obrigada. Por me cortares o cabelo.

A minha mãe beija-me na face e faz deslizar o painel que cobre o espelho. Acho que a minha mãe podia ser bonita, num mundo diferente. O corpo dela é magro, mas a túnica cinzenta disfarça-o. Tem maçãs do rosto salientes e pestanas compridas e quando solta o cabelo, à noite, este cai-lhe em ondas por cima dos ombros. Mas, pertencendo aos Abnegados, tem de esconder a sua beleza.

Dirigimo-nos para a cozinha. É nestas manhãs, em que o meu irmão prepara o pequeno-almoço, a mão do meu pai desliza pela minha cabeça enquanto lê o jornal e a minha mãe trauteia uma canção ao mesmo tempo que levanta a mesa, que eu me sinto ainda mais culpada. Por querer deixá-los.

*

O autocarro cheira a tubo de escape. Sempre que passa por uma zona de pavimento mais irregular, estremece e atira-me de um lado para o outro, apesar de eu estar a agarrar-me ao banco, para me aguentar.

O meu irmão mais velho, Caleb, está no corredor, agarrado a um varão por cima da cabeça, para também se manter direito. Não somos parecidos. Ele herdou o cabelo preto e o nariz curvo do meu pai e os olhos verdes e as faces com covinhas da minha mãe. Quando era mais novo, a mistura de características diferentes parecia estranha, mas agora até lhe fica bem. Se não fizesse parte dos Abnegados, as miúdas da escola haviam de reparar nele.

Caleb também herdou o talento da minha mãe para o altruísmo. Sem pensar duas vezes, deu o lugar a um homem com o aspeto arrogante dos Cândidos.

O homem tem um fato preto com uma gravata branca – é o uniforme padrão dos Cândiaos. A sua façã valoriza a sinceridade e a simplicidade e encara a verdade como se fosse branca ou preta, e é por isso que os seus membros se vestem assim.

À medida que nos aproximamos do centro da cidade, os intervalos entre os prédios tornam-se mais apertados e as ruas mais planas. O edifício que antes era conhecido por Sears Tower – e a que chamamos «o Centro» – aparece no meio do nevoeiro. É como um pilar negro recortado contra a linha do horizonte. O autocarro passa sob o viaduto ferroviário. Nunca andei de comboio apesar de eles estarem sempre a circular e de haver linhas por todo o lado. Só os Intrépidos é que andam de comboio.

Cinco anos antes, alguns Abnegados que se ofereceram voluntariamente para as obras repavimentaram uma parte das ruas. Começaram no centro da cidade e seguiram para a periferia até esgotarem os materiais. As ruas do local onde moro ainda estão esburacadas e com remendos e não é seguro andar nelas de carro. Mas, também, nós nem sequer temos carro.

A expressão calma de Caleb não se altera, nem mesmo quando o autocarro anda aos solavancos e com movimentos bruscos. A túnica cinzenta desliza-lhe pelo braço quando se agarra a outro varão para se equilibrar. Pelo modo como olha de um lado para o outro, consigo perceber que está a observar as pessoas que nos rodeiam, esforçando-se por atender apenas a elas e não a si mesmo. Os Cândiaos valorizam a sinceridade mas a nossa façã, a dos Abnegados, valoriza o altruísmo.

O autocarro para à porta da escola e eu levanto-me, passando apressadamente à frente do homem dos Cândiaos. Agarro-me ao braço de Caleb ao tropeçar nos sapatos dele. As minhas calças são demasiado compridas e eu nunca fui muito ágil.

O edifício do Nível Superior é a mais antiga das três escolas da cidade: Nível Inferior, Nível Intermédio e Nível Superior. Como todos os edifícios à sua volta, é feito de vidro e de aço. Diante dele está uma grande escultura metálica que os Intrépidos escalam depois das aulas, desafiando-se mutuamente para ver quem consegue subir mais alto. No ano passado, vi uma das raparigas do grupo cair e partir uma perna. Fui eu que chamei a enfermeira da escola.

– Provas de aptidão... hoje – lembro a Caleb. Ele não chega a ser um ano mais velho do que eu e, por isso, estamos no mesmo ano escolar.

Entramos pela porta da frente, enquanto ele acena afirmativamente com a cabeça. Sinto os meus músculos todos a retesarem-se assim que nos achamos no interior. Lá dentro, parece reinar uma atmosfera que se pode considerar de fome – é como se, no último dia, todos os miúdos de dezasseis anos estivessem a tentar absorver tudo o que puderem. É provável que não voltemos a percorrer estes corredores depois da Cerimónia da Escolha. Depois de escolhermos, são as fações que ficam responsáveis por completarem a nossa educação.

As aulas estão hoje reduzidas a metade e, por isso, vamos frequentá-las todas antes das provas, que só se realizam depois do almoço. O meu coração já está a bater mais depressa, só de pensar nisso.

– Tu não estás nada preocupado com o que te vão dizer, pois não? – pergunto a Caleb.

Paramos no átrio onde os nossos caminhos se separam. Ele vai para um lado, para a aula de Matemática Avançada, e eu vou para o outro, para a aula de História das Fações.

Caleb levanta uma sobrancelha, contrapondo:

– E tu estás?

Podia contar-lhe que ando preocupada há semanas com aquilo que a prova de aptidão me dirá. A quem pertencerei? Aos Abnegados, aos Cándidos, aos Eruditos, aos Cordiais ou aos Intrépidos?

No entanto, limito-me a sorrir-lhe e respondo-lhe:

– Nem por isso.

Caleb também me sorri, dizendo:

– Bem, desejo-te um bom dia.

Dirijo-me para a História das Fações, a morder o lábio inferior. O certo é que ele não respondeu à minha pergunta.

Os corredores estão apinhados, apesar de a luz vinda das janelas criar uma ilusão de espaço. São um dos poucos locais onde as fações se misturam, nesta idade. E hoje há uma nova energia a animar a multidão, uma espécie de loucura do último dia.

Uma rapariga com cabelos compridos encaracolados acena a uma amiga, ao longe, e berra-me aos ouvidos: «Eh!» A manga de um blusão bate-me na cara. E depois um rapaz dos Eruditos, com uma camisola azul, empurra-me. Eu perco o equilíbrio e estateloo-me no chão.

– Sai-me da frente, Empata – diz-me ele, num tom brusco, seguindo pelo corredor fora.

Sinto a cara a arder. Levanto-me e sacudo o pó da roupa. Alguns rapazes e raparigas pararam, ao ver-me cair, mas nenhuma delas se ofereceu para me ajudar. Os olhos delas seguem-me até ao fundo do corredor. Isto tem andado a acontecer a todos os outros membros da minha facção há meses – os Eruditos têm andado a divulgar relatos adversos sobre os Abnegados que começaram a afetar o modo como nos relacionamos na escola. As roupas cinzentas, os penteados simples e a postura modesta da minha facção devem tornar-me mais fácil a tarefa de dar menos atenção a mim própria e ajudar os outros a não repararem em mim. Mas essas características fizeram de mim um alvo.

Paro junto a uma janela na Ala E e espero pela chegada dos Intrépidos. Faço isto todas as manhãs. Às 7:25 em ponto, os Intrépidos demonstram a sua coragem ao saltarem de um comboio em movimento.

O meu pai chama «desordeiros do inferno» aos Intrépidos. Têm *piercings*, tatuagens e vestem-se de preto. O seu objetivo prioritário é defenderem a vedação que rodeia a nossa cidade. Não sei é de quê.

Eles deviam deixar-me perplexa. E pôr-me a pensar no tipo de coragem – que é a virtude que mais prezam – exigida para enfiar um anel de metal numa narina. Mas, em vez disso, os meus olhos fixam-se neles e vão atrás deles por todo o lado.

O apito estridente do comboio faz-se ouvir e ecoa dentro do meu peito. A luz do farol da carruagem da frente acende-se e apaga-se enquanto o comboio passa junto à escola, a guinchar nos carris de ferro. Quando passam as últimas carruagens, um grupo compacto de rapazes e raparigas de preto saltam do comboio em movimento, alguns caindo e rebolando e outros dando alguns passos cambaleantes antes de recuperarem o equilíbrio. Um dos rapazes agarra-se aos ombros de uma rapariga, a rir-se.

Observá-los é uma atividade tonta. Volto costas à janela e enfio-me na multidão a caminho da aula de História das Fações.